

VICENTE GARRIDO

**UM
PSICOPATA
ENTRE
NÓS**

**UM GUIA PARA DETECTAR E SE
PROTEGER DOS PSICOPATAS
INTEGRADOS NA FAMÍLIA, NO
TRABALHO E NA POLÍTICA**

PAIDÓS

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

VICENTE GARRIDO

**UM
PSICOPATA
ENTRE
NÓS**

**UM GUIA PARA DETECTAR E SE
PROTEGER DOS PSICOPATAS
INTEGRADOS NA FAMÍLIA, NO
TRABALHO E NA POLÍTICA**

Tradução

Marianna Muzzi

PAIDÓS

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Vicente Garrido Genovés, 2024
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025
Copyright da tradução © Marianna Muzzi, 2025
Todos os direitos reservados.

Título original:

El psicópata integrado: en la familia, la empresa y la política – claves para neutralizarlo

PREPARAÇÃO: Valquíria Mattioli

REVISÃO: Gleice Couto e Daniele Debora de Souza

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Nine Editorial

CAPA: Renata Spolidoro

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Garrido, Vicente

Um psicópata entre nós / Vicente Garrido ; tradução de Marianna Muzzi.
- São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.
304 p.

ISBN 978-85-422-3808-2

Título original: El psicópata integrado

1. Distúrbios de personalidade 2. Psicopatia I. Título II. Muzzi, Marianna

25-3633

CDD 616.8581

Índice para catálogo sistemático:

1. Distúrbios de personalidade



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo
e outras fontes controladas

2025

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – CEP 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: O PROBLEMA DO 1% MALIGNO 11

- › Os psicopatas integrados 12
- › Dois motivos de alarme 14
- › O que os torna temíveis 18
- › Planejamento do livro 21

CAPÍTULO 1: O PSICOPATA SE APRESENTA 23

- › O submarino 23
- › Variedades de psicopata 27
- › O que é a psicopatia 38
- › A psicopatia e outros conceitos relacionados 40
- › As mulheres psicopatas 44
- › A inteligência dos psicopatas e sua capacidade de ler a mente alheia 48
- › A capacidade de mudança do psicopata 49

CAPÍTULO 2: PERFIL PSICOLÓGICO DO PSICOPATA

INTEGRADO 51

- › O psicopata é um sobrevivente 51
- › O psicopata controlado e o impulsivo 54
- › Medo e ansiedade com base na empatia 59
- › A empatia dos psicopatas 62
- › O cirurgião da morte 66
- › As emoções dos psicopatas 72
- › A comunicação do psicopata 75
- › O comportamento do psicopata 79

CAPÍTULO 3: O PSICOPATA NOS RELACIONAMENTOS

AFETIVOS E FAMILIARES 83

- › A identificação do psicopata: uma janela para sua mente 85
- › O comportamento do psicopata e seus indicadores 90
- › O sistema de vigilância diante do psicopata 96
- › Intuição 98
- › Autoconhecimento e o diálogo interior 102
- › Observação descritiva e o diálogo com pessoas de confiança 106
- › O psicopata persevera em sua natureza 110
- › As crianças em risco de psicopatia 112

CAPÍTULO 4: O PSICOPATA NA EMPRESA E NAS

ORGANIZAÇÕES 123

- › O psicopata como líder destrutivo 124
- › Os psicopatas corporativos também podem matar 128
- › Os psicopatas “visionários” 131
- › Hannibal Lecter vai ao trabalho 138
- › A psicopatia como modelo social 141
- › A identificação do psicopata na empresa 145
- › Prevenção e controle da psicopatia na empresa 155
- › Amor dos pais 161

CAPÍTULO 5: A PATOCRACIA: O PSICOPATA NA POLÍTICA 165

- › O governo dos psicopatas 165
- › Por que a política é tão atraente para o psicopata 169
- › Democracia imperfeita 173
- › Assassinato em Malta 175
- › Populismo, autoritarismo e psicopatia 177
- › Maquiavel 179
- › Dois psicopatas primários: Donald Trump e Vladimir Putin 184
- › Identificação do líder político psicopata 194
- › Um exercício para os leitores: o painel de controle do psicopata 208
- › Por que os políticos psicopatas têm tantos seguidores? 211

CAPÍTULO 6: A LUTA CONTRA O PSICOPATA 219

- › Viktor Frankl e Josef Mengele 219
- › Os fundamentos da superação do encontro com a psicopatia: a logoterapia de Viktor Frankl 222
- › O desejo por sentido nos impulsiona a agir 226
- › Agir de forma transcendental 227
- › Autodistanciamento 229
- › A narrativa do herói 236
- › Cara a cara com o psicopata 242
- › Uma sociedade debilitada: a cultura terapêutica 248
- › A resiliência 251
- › A prevenção em crianças com predisposição à psicopatia 259

EPÍLOGO: O OLHO DO FURACÃO 261

- › O psicopata e sua narrativa 262
- › O psicopata nos relacionamentos 265
- › O psicopata na empresa e nas organizações 267
- › A patocracia 269
- › O olho do furacão 273

AGRADECIMENTOS 281

NOTAS 283

C A P Í T U L O 1

O psicopata se apresenta

“Como posso não conhecer hoje seu rosto amanhã, o que já está ou se forja sob a cara que você ostenta ou sob a máscara que você traz, e que vai me mostrar somente quando eu não estiver esperando?”

JAVIER MARÍAS, *Seu rosto amanhã*

O SUBMARINO

Axel é magro; ele olha nervosamente, com olhos perscrutadores. Na faixa dos trinta anos, eu o encontro em um café em Valência, próximo à Plaza de la Virgen, cheia de pombos, muitas pessoas passando e alguns turistas tirando fotos. É uma tarde de abril, não há muitas pessoas no estabelecimento e podemos conversar sem sermos ouvidos, o que é importante, porque, como me disse em vários e-mails trocados nos últimos meses, ele está muito angustiado: ele pode ser um psicopata e – isso é de longe a pior coisa – “talvez *queira* matar alguém”.

Normalmente, eu não teria me encontrado com ele: uma regra que tenho é recusar, a princípio, todas as ofertas de pessoas de toda a Espanha que pedem um encontro comigo pessoalmente

ou pela internet para me contar algo “muito importante”. Tento resolver as consultas por e-mail e, excepcionalmente, só concordo com reuniões virtuais ou presenciais depois de me certificar de que a pessoa que está solicitando o contato não tem intenções maliciosas e que minha intervenção pode fazer a diferença. Mas esse homem, depois de uma prolongada troca de ideias, chamou a minha atenção, então lá estava eu com ele, disposto a escutá-lo.

“Você conhece a história do submarino, na Dinamarca?”; foi a primeira coisa que ele me perguntou, depois de me cumprimentar com um aperto de mão e agradecer por ter aceitado encontrá-lo. Depois de alguns segundos, eu disse que sim, é claro, um dos crimes mais interessantes deste século cometido na Europa. Kim Wall era uma jornalista freelancer sueca na faixa dos trinta anos com uma vasta experiência na área. Ela havia escrito reportagens investigativas direto de Uganda, Sri Lanka e Cuba para importantes veículos de comunicação, e, em sua formação, figuravam diplomas acadêmicos de Londres e Nova York. Em 14 de agosto de 2017, ela marcou um encontro com Peter Madsen, inventor de um submarino de pequeno porte para uso privado. Madsen era bem conhecido pela opinião pública dinamarquesa, pois ele tinha uma imagem multifacetada e um tanto enigmática, resultado de suas aparições na mídia como um gênio extravagante, capaz de criar invenções improváveis, ao mesmo tempo que tinha um ar de inconformismo que nos atrai por não seguir a vida predefinida pelo sistema.

Acho que Kim, que estava ansiosa para descobrir o que estava “por trás da notícia”, como seu pai declarou mais tarde, foi atraída tanto pela personalidade de Madsen quanto pela invenção do submarino. Então, quando o dinamarquês a convidou para dar uma volta em seu Nautilus, ela nem pensou nisso. Como seria ter seu próprio submarino, como aquele que tem um barco, e poder mover-se abaixo da superfície do mar para viajar

para diferentes portos de destino? Infelizmente, a aventura teve um fim inesperado. Kim nunca reapareceu viva. De acordo com o que Madsen disse à polícia, logo após deixar o porto de Copenhagen, o submarino afundou. Madsen foi resgatado na manhã seguinte, mas nenhum vestígio de Kim foi encontrado, até que um ciclista descobriu seu torso mutilado em uma praia em 21 de agosto. Depois de uma busca exaustiva e épica, a polícia conseguiu recuperar, no mar, a cabeça, as pernas e as roupas da jornalista.

Madsen ofereceu várias explicações bizarras sobre o que aconteceu no submarino e como o corpo de Kim foi parar naquelas circunstâncias trágicas, mas o tribunal não acreditou nele. A sentença após o julgamento foi de prisão perpétua, o que é incomum na Dinamarca, sob a acusação de agressão sexual, tortura e assassinato. A defesa de Madsen considerou o relato do promotor “uma história de terror construída sem provas”, apenas suposições. Mas o estado do corpo falava por si só: se Kim tivesse morrido “por acidente”, como o acusado declarou, por que cortá-lo em pedaços e fingir que ele nunca seria recuperado? Madsen ainda chocou a opinião pública em outra ocasião, quando, depois de tomar a psicóloga da prisão como refém, conseguiu alcançar a porta e fugir pelo país. Por sorte, só ficou livre por algumas horas.¹

“Sim, eu me lembro do caso do submarino”, eu disse ao meu acompanhante. “Bem”, ele continuou, “estou morando com uma garota há um ano e, às vezes, eu me pego pensando em... você sabe... matá-la. Não consigo tirar da cabeça que Madsen deve ter pensado *muito* sobre o que fez antes de fazê-lo..., entende?” Ele me disse que pensava nisso na forma de flashes que surgiam de repente, ocupando sua mente, e que, quando isso acontecia, ele ficava preocupado. Imagens do corpo da garota despedaçado lhe vinham à mente e, em outros momentos, deste boiando no mar. Ele era um psicopata? Sua parceira corria perigo?

Eu o tranquilizei dizendo que era muito improvável que ele fosse um psicopata homicida, pois, se fosse, não ficaria angustiado com essas visões, nem, é claro, teria me alertado. Percebi que seu problema era outro; sem dúvida, tinha uma personalidade desajustada e provavelmente um transtorno obsessivo, mas era necessário garantir que ninguém se ferisse. Como eu não podia confiar que ele faria o que eu queria que fizesse, passei muito tempo convencendo-o a me deixar ajudá-lo: eu lhe disse que ele não era um psicopata, mas que, mesmo assim, precisava de ajuda profissional. Então, pedi que ele ligasse para sua parceira, a fim de que ela tivesse uma breve conversa comigo, no que ele concordou. No fim das contas – disse, de forma um pouco contraditória com a situação que o havia trazido até mim –, ela também me conhecia das minhas aparições na televisão, por isso “você lhe proporcionará uma agradável surpresa se ligar para ela”. Assim fiz, e pude aconselhá-la sobre o que fazer. Ela me garantiu que faria isso e que entraria em contato comigo se achasse necessário. Continuei conversando com Axel um pouco mais e, antes de nos despedirmos, recomendei-lhe calorosamente que seguisse os passos que eu lhe havia indicado em relação à sua obsessão.

Até o momento, acho que nada irreversível aconteceu: a parceira de Axel não entrou em contato comigo. Não sei se continuam juntos, mas meu acompanhamento da seção de eventos na mídia não me deu uma pista de que pudesse ter havido um homicídio derivado desse caso.

Neste capítulo, pretendo apresentar a psicopatia e suas variedades em termos de reconhecimento pela sociedade. Também pretendo associar a psicopatia a outros conceitos relacionados, porém diferentes. Em seguida, abordo uma série de questões que são motivo de confusão e debate entre pesquisadores e o público interessado nesse campo, incluindo, entre outros aspectos, a psicopatia em mulheres.

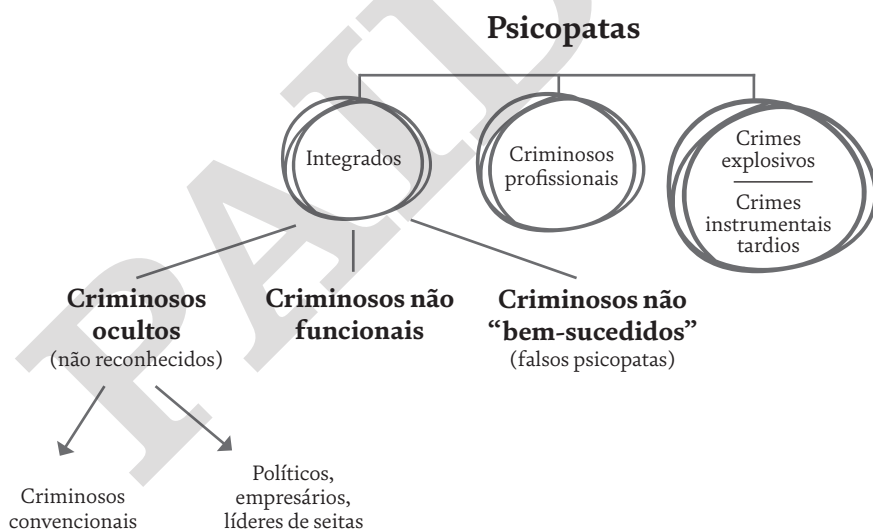
VARIEDADES DE PSICOPATA

Psicopatas criminosos identificados

O caso de Peter Madsen é um exemplo de um psicopata criminoso que explode de forma inesperada como um crime de grande violência. Esses indivíduos costumam viver em um ambiente organizado, independentemente de problemas ou tensões que possam existir em seus lares (e que são compartilhados por milhões de pessoas). Outro exemplo foi o assassinato múltiplo cometido por Patrick Nogueira em Pioz (Guadalajara), que, por puro despeito contra seus tios, tirou a vida deles e a de seus dois primos. Outras vezes, o crime é o meio ou instrumento de um produto tardio da ambição, como no caso de psicopatas que, cansados da falta de dinheiro, decidem cometer um assassinato para obter lucro e poder continuar com seu estilo de vida despreocupado. Esse foi o caso de Óscar, que entrevistei na prisão como resultado de uma pesquisa que estava realizando. Óscar havia passado vários anos na América do Sul realizando “muitos negócios de lá para cá”, segundo me disse. Tinha 32 anos e, havia dois, tinha sido condenado pelo homicídio de um (aparentemente) sócio em um novo negócio que conseguira depois de voltar de sua aventura à América. Ao que tudo indica, o tal negócio nunca existiu, e Óscar matou o sócio quando este lhe exigiu os 200 mil euros que ele havia lhe emprestado para financiar o suposto negócio. Passei um tempo “divertido” com ele; era falante e espirituoso e me contou muitas histórias de seus anos na América, nas quais ficou claro que sua única pretensão era viver sem trabalhar, muitas vezes de mulheres ricas e outras de empréstimos e pequenos golpes que nunca lhe trouxeram nada mais do que talvez ter que fugir às pressas de onde estava residindo. O relacionamento com sua família era inexistente havia muitos anos. Ele me disse que o homicídio que o levou

para trás das grades foi justificado, porque, como ele me contou com muita ênfase e gesticulação: “Eu disse a ele que não poderia devolver o dinheiro naquele momento, porque estava investido na espera de um retorno que nos daria uma *chance* melhor para iniciar nosso negócio. Mas ele ficou louco, pegou uma faca e me atacou. Eu apenas me defendi”. A polícia encontrou 30 mil euros em sua casa; supostamente era o que restava do dinheiro do seu sócio. Ele nunca explicou o que havia acontecido com esse suposto investimento, nem como havia gastado o restante do dinheiro.

A figura a seguir apresenta um gráfico no qual vemos as variedades de psicopata. Esses dois exemplos – o assassino múltiplo em Pioz e o de Óscar – ilustram a categoria dos psicopatas que se revelam tardiamente por meio de “crimes explosivos ou instrumentais tardios”.



No entanto, o tipo criminal mais comum de psicopata na prisão é o criminoso crônico, que surge em um ambiente de marginalização, que desafia as normas sociais desde a infância ou adolescência e que progride para a vida adulta acumulando delitos e condenações. Antonio Anglés, o principal assassino das meninas de Alcàsser (Valência), que as sequestrou, torturou, estuprou e assassinou na companhia de Miguel Ricart, é o exemplo perfeito do item correspondente aos “criminosos profissionais” da figura apresentada. Os psicopatas são os mais versáteis, violentos e reincidentes entre os criminosos habituais.² Seu potencial de violência pode ser muito grande se fizerem parte – como capangas ou líderes, mas especialmente no segundo caso – de gangues de crime organizado, o que lhes daria acesso à capacidade de infligir grandes danos a muitos indivíduos, seja por meio do tráfico de pessoas ou de drogas, seja por meio de redes de exploração sexual e outras atividades criminosas, infelizmente em expansão devido ao mercado globalizado de que desfrutamos. Pablo Escobar, por exemplo, certamente seria um bom representante do poder destrutivo do líder psicopata de um cartel poderoso.

Psicopatas integrados

Entretanto, se a prevalência da psicopatia for estimada em torno de 1% da população, obviamente muitos deles não são criminosos habituais, muito menos assassinos ou assassinos em série, como poderia ser entendido da imagem proveniente dos meios de comunicação e dos produtos culturais (ou seja, literatura, séries de televisão e filmes).

Na realidade, a maioria dos psicopatas são do tipo integrado, o que significa que, embora tenham uma personalidade com as características típicas da psicopatia, *nunca houve* – por seu

círculo de relacionamento ou pelo Estado por meio de sua identificação como criminosos – *nenhum processo de identificação como tal*. Por sua vez, o subtipo integrado apresenta diferentes possibilidades, que exploraremos a seguir.

Começando pelo item da esquerda da figura anterior, temos os psicopatas criminosos integrados, que ocultam uma violência muito grave ou insidiosa (“criminosos ocultos não reconhecidos”). A família e os amigos não sabem que ele é um psicopata que, de forma oculta, comete crimes graves. Sabemos, pela mídia e pela cultura popular, que os estupradores e assassinos em série têm, em muitos casos, uma vida normal, com família, emprego e amigos, o que explica a surpresa habitual com que reagem aqueles com os quais conviviam ao saber que tinham uma “vida dupla” em que cometiam atos abjetos e ilegais. Também incluiríamos aqui uma parte daqueles que agridem recorrentemente seus parceiros ou filhos (já que nem todos os agressores familiares são psicopatas), muitas vezes por meio de agressão psicológica permanente, em vez de violência explícita. Um exemplo ideal dessa “vida dupla” de psicopatia integrada, em que o crime se esconde por trás de uma fachada virtuosa, é exemplificado a seguir.

Não conheci pessoalmente nem me relacionei com Martín Vigil, um padre que alcançou grande fama como escritor e conselheiro espiritual de várias gerações durante a era franquista,* mas sua capacidade de abusar de vários jovens enquanto exercia seu apostolado de forma tão pública e bem-sucedida por meio de sua presença na mídia me faz suspeitar que a psicopatia poderia muito bem ser seu diagnóstico. Embora existam vários casos de abuso sexual cometidos por padres que tiveram grande repercussão em diferentes países do mundo, a investigação

* Período autoritário na Espanha (1939–1975), sob o regime do general Francisco Franco, marcado por repressão política, censura, nacionalismo conservador e centralização do poder. (N.E.)

realizada pelo jornalista Íñigo Domínguez foi um grande choque para muitos espanhóis (e para fiéis da América do Sul, onde seus livros também chegaram) que tinham em Martín Vigil um farol do cristianismo mais moderno e social. Mas tudo não passava de uma fachada. O escritor Antonio Muñoz Molina disse o seguinte a esse respeito:³

O predador prepara habilmente sua armadilha e espera pacientemente que a vítima caia nela. Sua vantagem não é a força física, mas a astúcia para escolher a presa mais frágil. Em um apartamento no bairro de Salamanca, que imaginamos ser antigo e sombrio, o mestre escrevia cartas e lançava iscas, especialista em tecer sua teia de aranha, e aguardava o som da campainha, a chegada do escolhido – em alguns casos, também a escolhida –, o designado com antecedência, o mais ferido, o mais necessitado do que o maestro havia lhe prometido, o profeta impostor, o lobo em pele de cordeiro.

Conforme relatou Íñigo Domínguez em um de seus artigos,⁴ Sandra era uma garota problemática de 15 anos que tinha lido o livro mais famoso de Martín Vigil, *La vida sale al encuentro*, publicado em 1955 e, por décadas, um best-seller, o qual teve um grande impacto sobre ela. Como disse Sandra a Domínguez:

Minha família era complicada. Eu me refugiava na leitura. O livro me tocou muito. Ficava imaginando o que me diria o protagonista do livro, o padre Urcola, como ele me ajudaria com meus problemas. E havia algo ousado em seus livros: no final deles, havia seu endereço e telefone. Ele morava em Madri, na rua Velázquez. Era assim que ele lançava sua vara para pescar suas vítimas. Foi assim que muitos menores acabaram em suas mãos, a maioria garotos, mas também algumas garotas, como eu. [...] Ele marcava

os encontros, tinha tudo organizado, eu era a garota das quintas-feiras. Ele me pedia que eu não falasse sobre isso com ninguém, porque os adultos não iriam entender, que eu era muito especial. E ele era um padre, era famoso, muito culto, falava muito bem, convencia você de que aquilo era a coisa certa a fazer.

Martín Vigil morreu esquecido, junto com seus livros outrora tão populares, em uma casa de repouso, mas, como resalta Muñoz Molina: “Ainda há pessoas marcadas para sempre por esse crime indesculpável que é a violação e o abuso de indefesos”.

No entanto, embora os chamados crimes “convencionais” de psicopatas criminosos (identificados) e psicopatas criminosos ocultos (integrados) sejam lamentáveis e uma grande praga para a sociedade, não podemos, de forma alguma, desprezar a violência e a destruição que podem vir desse outro grupo de psicopatas integrados, que formam o próximo tópico da figura: aqueles que exercem a política ou lideram empresas e consórcios financeiros, especialmente os primeiros, bem como líderes de seitas destrutivas. Esses psicopatas podem estar ocultos de duas formas.

A primeira forma de ocultação envolve empresários poderosos ou líderes corporativos, e isso se resume ao fato de que, uma vez que são indivíduos com um grande prestígio social e uma grande capacidade de fingimento e manipulação, ninguém imagina que, por trás de sua fachada de sucesso, se esconde alguém cuja única pretensão é roubar ou enganar, principalmente. Esse foi o caso de Bernard Madoff, que enganou investidores de todo o mundo e a Comissão de Valores Mobiliários de Nova York ao realizar o maior esquema de pirâmide da história dos Estados Unidos (Madoff e outros serão analisados no capítulo 4).

Como veremos no devido tempo, embora os empresários poderosos não tenham a capacidade de cometer os crimes dos

políticos psicopatas, seu potencial de prejudicar a sociedade também é enorme. Além do caso de Bernard Madoff mencionado anteriormente, nos últimos anos deste século surgiram outros casos de empresas que, assim como a Enron, causaram grandes prejuízos à economia de muitos países (e, com isso, muito sofrimento aos cidadãos), porque elas tinham psicopatas como gestores e CEOs nos conselhos de administração. E, mesmo que a gravidade de suas ações não afete a economia mundial, muitas vezes o resultado de suas práticas ilegais é a ruína dos acionistas e investidores da empresa, podendo atingir milhares de pessoas.

A segunda forma de ocultação envolve políticos e líderes de seitas. Ambos têm em comum o fato de exibirem sua psicopatia e muitos de seus excessos (e até mesmo crimes) publicamente, ou pelo menos não se esforçam muito para escondê-los, mas *seu público* – as pessoas a quem supostamente tentam beneficiar – *não os considera psicopatas nem criminosos*. No caso dos políticos, pense em Donald Trump ou em Vladimir Putin (que serão analisados no quinto capítulo). Era muito provável que o primeiro se tornasse novamente presidente dos Estados Unidos em novembro de 2024, o que revela que, para pelo menos da metade de seus cidadãos, Trump é um cara fantástico. E, no caso de Putin, muitos russos o apoiam incondicionalmente. Exemplos disso são esmagadores na história: para a Alemanha, a União Soviética e a China, Hitler, Stalin e Mao Tsé-Tung, respectivamente, foram líderes messiânicos em seu tempo, enquanto hoje há um consenso entre os historiadores de que eles eram psicopatas impiedosos responsáveis por crimes contra a humanidade.

Infelizmente, esses exemplos continuam até hoje, e esses líderes foram seguidos por muitos outros, como Saddam Hussein, Gaddafi, Idi Amin, Pol Pot, Milošević ou Rafael Trujillo. Se o líder de um país for um psicopata, sua capacidade de destruição é

incomparável, principalmente se ele estiver à frente de um regime autocrático ou ditatorial, seja herdado, seja imposto por ele.

Em relação aos líderes de seitas, um exemplo bastante notável foi o do reverendo Jim Jones, o principal responsável pelo massacre de seus fiéis em Jonestown, em 1978, na Guiana. A história, infelizmente, nos deu muitos outros exemplos, como o protagonizado pelo autoproclamado “cordeiro do apocalipse”, David Koresh, que, em 1993, conseguiu exterminar seus próprios fiéis da seita dos davidinianos (com a ajuda inestimável das autoridades federais dos Estados Unidos, que não souberam lidar adequadamente com a crise),⁵ ou, mais recentemente, a seita conhecida como “NXIVM” (leia-se “Nexium”), que tinha como membro proeminente a atriz popular pelo seu papel na série *Smallville: as aventuras do Superboy*, Allison Mack, encarregada de recrutar escravas sexuais para seu chefe, Keith Ranieri.⁶ Nas seitas, há muito menos pessoas seduzidas pelo psicopata do que na política, mas, assim como acontece com os cidadãos que apoiam um presidente psicopata, seus membros consideram o líder excepcional e somente quando escapam e se libertam de suas crenças irracionais é que são capazes de enxergar a realidade, muitas vezes (mas nem sempre) resultando na prisão do líder e, posteriormente, na sua condenação criminal e identificação como psicopata.

Dois tipos de psicopatas integrados não criminosos

Finalmente, seguindo a linha dos psicopatas integrados, vemos que há dois tipos de psicopatas não criminosos ou delinquentes. O primeiro agrupa os psicopatas “funcionais”, indivíduos que têm traços da psicopatia, mas que não ostentam poder na sociedade nem cometeram crimes. Isso não significa que sejam inofensivos: dada a natureza da personalidade

psicopática, sua falta de conexão emocional e a ausência de sentimentos de culpa associados aos princípios morais os tornam uma fonte de infelicidade e miséria existencial para aqueles que formam seu círculo de relacionamento familiar e conhecidos (não escrevo “amigos” porque eles raramente os têm ou os perdem quando se cansam de aturá-los). São pessoas que não agregam nada à qualidade de vida daqueles que lidam com elas: maridos que mentem repetidamente, que usam os outros para benefício próprio, que manipulam para obter vantagens no trabalho, que veem os filhos como um meio de se passar por boas pessoas e pais, mas, na verdade, não se importam com eles, que usam a ameaça ou táticas de descrédito para controlar seu ambiente mais próximo, seja em casa, seja no trabalho. Também é comum que em sua juventude tenham cometido atos difamatórios contra pessoas mais frágeis, como *bullying* na escola, ou que tenham abusado de moradores de rua ou de pessoas “diferentes”.

O último grupo inclui os psicopatas “bem-sucedidos”, cuja realidade está por vir, mesmo que algumas das pesquisas atuais afirmem que é possível que um psicopata tenha sucesso na escala social e, *ao mesmo tempo*, não cause mal à sociedade, o que é conhecido, no debate acadêmico, como indivíduos que possuem “características adaptativas” da psicopatia. Na minha opinião, não há dúvidas de que um psicopata possa ter sucesso na sociedade – e muitos dos exemplos que mencionei são de pessoas que triunfaram de forma impressionante –, mas isso não exclui que seu legado seja muito prejudicial para os demais cidadãos. Em outras palavras, o adjetivo “bem-sucedido” aplicado a pessoas como Madoff ou Trump é inadequado, porque, apesar de seu sucesso social, *são seres fracassados para o bem comum*. (O caso de Ray Dalio, que será apresentado a seguir, é um exemplo de um psicopata “bem-sucedido” que se revela um fracasso para a sociedade.)

Eu sou daqueles que acreditam que esse psicopata “bem-sucedido” não existe. No caso de ele ser realmente bem-sucedido (e, portanto, devemos entender que ele contribui para o bem da comunidade, mesmo que busque dispor de status e bens), trata-se de um *falso psicopata* e que confundimos a presença de certos aspectos da psicopatia – que, de forma geralmente reduzida, são apresentados por muitas pessoas no mundo – com a existência da *síndrome da psicopatia*, já que, para ter esse diagnóstico, é necessário que o indivíduo apresente quase todos os sintomas que compõem a síndrome de forma permanente e em alto grau.

Ray Dalio

Qualquer pessoa que conheça Ray Dalio apenas por seu desempenho financeiro o chamaria de “bem-sucedido”. Dalio é o titã por trás do maior fundo de investimento do mundo, de propriedade da Bridgewater Associates. O jornalista investigativo, Rob Copeland, descreveu sua vida em um livro recente, que é devastador, narrando a ascensão ao poder por meio do dinheiro de um homem medíocre, que, no caminho, humilhou e passou por cima de todos aqueles que tiveram o azar de trabalhar para ele.⁷

Dalio começou como *caddy* em um clube de golfe exclusivo e, graças à sua aparente inteligência e bom caráter, conseguiu, por meio de contatos, ficar sob a proteção de uma família poderosa. Depois de cursar a faculdade de administração, Dalio tornou-se popular por prever repetidas vezes colapsos econômicos eminentes e oferecer um fundo (Bridgewater) que manteria os investimentos seguros. Uma previsão tão recorrente de catástrofes futuras tinha, necessariamente, que colher alguns sucessos. Portanto, com a ajuda de alguns bons investimentos nas décadas de 1990 e 2000, ele conseguiu posicionar bem

seu fundo e, quando veio a crise de 2008, este continuou sendo o fundo mais importante do mundo.

No entanto, o que é realmente revelador sobre Dalio é o relato de Copeland sobre como ele administrava seu negócio e as práticas que introduzia. Entre elas, estavam as duas seguintes: gravar as interações dos funcionários e, em seguida, submetê-las a revisões ferozes em reuniões para todos, nas quais não eram poupadas críticas contundentes e devastadoras para alcançar uma “transparência radical”; e oferecer a cada funcionário um *card* ou uma figurinha semelhantes aos de beisebol, que listavam uma série de habilidades profissionais que eram avaliadas pelos próprios colegas, e que incluía o assédio e a denúncia à gerência sobre os “erros” dos colegas, comportamentos premiados pela gestão.

Seria apropriado dizer que o clima laboral era paranoico e implacável com os mais fracos de espírito. Ocasionalmente, Dalio deixava relatórios particulares “esquecidos” em algum lugar e observava quais de seus funcionários paravam para olhá-los para repreendê-los severamente. Em uma ocasião, ao encontrar algumas gotas perto de seu vaso sanitário particular, instruiu ao chefe de segurança a conduzir uma investigação minuciosa para encontrar a pessoa responsável pelo ultraje. Em outra ocasião, demitiu os funcionários do estacionamento da empresa por criar cartões de acesso que ele considerava grandes demais. Porém, o mais grave era o ritual de humilhação que ocorria nas reuniões em que os funcionários eram acusados de ter cometido alguma falta “grave”, como ter contado alguma mentira sobre sua vida pessoal ou não ter conseguido terminar uma tarefa que parecia impossível desde o início. No caso de erros considerados “mais graves”, o cenário assumia o tom de um julgamento criminal, situação em que era comum o sujeito acabar chorando. As reuniões eram gravadas e posteriormente revisadas para que servissem de exemplo.

Bem, é provável que Dalio tenha feito seus investidores ganhar dinheiro e, de fato, ele próprio seja um homem muito bem-sucedido do ponto de vista de que é muito rico. Mas será que estamos dispostos a considerá-lo um personagem digno de ser imitado? Podemos realmente dizer que esse homem não é prejudicial à sociedade? Na minha opinião, uma pessoa que age dessa forma não pode ser considerada um psicopata que contribui para o bem comum; o sucesso é o poder que ele alcança e o dinheiro que proporciona aos seus investidores, mas o fracasso humano é mais notável e profundo, pois ele humilha sistematicamente seus funcionários.

Nesse ponto, é necessário entender melhor o que é a psicopatia, bem como o que ela não é, e, para isso, analiso os aspectos que a definem e outras questões que costumam ser objeto de discussão ou até mesmo dão origem a falsas crenças. No entanto, no próximo capítulo detalharei ainda mais o modo de pensar, sentir e agir do psicopata, em um encontro mais “íntimo”.

O QUE É A PSICOPATIA

A psicopatia é, dependendo das diferentes escolas de pensamento, um transtorno de personalidade grave (sem que isso implique uma justificativa ou atenuante se ele for processado como autor de um delito) ou uma configuração específica da personalidade que tem sua origem no desenvolvimento evolutivo do ser humano. Caracteriza-se por apresentar sintomas ou características que, *juntos e com alta intensidade*, constituem uma forma de ser prejudicial à sociedade. As quatro facetas da psicopatia segundo o modelo desenvolvido por Robert Hare, e os sintomas que constituem a psicopatia, são mostrados a seguir.

FACETA 1 INTERPESSOAL	FACETA 2 AFETIVA	FACETA 3 ESTILO DE VIDA IRRESPONSÁVEL	FACETA 4 CONDUTA ANTISSOCIAL
↓	↓	↓	↓
Apresenta-se com falso charme pessoal	Ausência de culpa	Ausência de metas realistas	Conduta antissocial na adolescência
Grande sentido de si (narcisismo)	Insensível, ausência de empatia, cruel	Impulsivo	Conduta antissocial na idade adulta
Manipulador	Não assume a responsabilidade	Irresponsabilidade no desempenho de papéis sociais	Baixo autocontrole

Na figura, vemos que um psicopata apresenta uma série de características ou sintomas que podem ser agrupados hierarquicamente de acordo com *a faceta da personalidade* do sujeito que eles representam. Assim, *a faceta 1 interpessoal* inclui o estilo de relacionamento que define um indivíduo, ou seja, como ele se comporta ao lidar com seus semelhantes. Em primeiro lugar, observamos um ego inflado, a crença de que é superior aos outros e de que merece tratamento especial: deseja ser admirado e se recusa a se submeter às regras que regem a vida dos cidadãos mais “comuns”. Em segundo lugar, tem uma capacidade notável de aparentar ter sentimentos honestos e altruístas, o que facilita que recorra, regularmente, a táticas manipuladoras, mentiras e enganos para conseguir alcançar seus objetivos. *A faceta 2 afetiva (ou emocional)* agrupa as características com as quais você está mais familiarizado, pois retratam alguém incapaz de se colocar no lugar dos outros (empatia), que não tem peso na consciência por seus atos prejudiciais, que tem uma bagagem emocional muito pobre ou superficial (insensível), o que lhe permite ser cruel com frequência, e que busca continuamente

desculpas para não assumir a responsabilidade de seus atos quando eles são destrutivos para os outros.

A faceta 3 estilo de vida irresponsável e a faceta 4 conduta antissocial também são características do psicopata, mas, ao mesmo tempo, estão presentes em muitas pessoas que levam uma vida marginalizada, imersas no lado “perdedor” da vida e do crime. É por isso que costumamos dizer que o “núcleo duro” da psicopatia se encontra nos sintomas das facetas interpessoal e (antes de tudo) afetiva.

A PSICOPATIA E OUTROS CONCEITOS RELACIONADOS

O conceito de psicopatia é frequentemente confundido na mídia e até mesmo em textos acadêmicos com o de narcisista (muitas vezes com o adjetivo “patológico”). Da mesma forma, é necessário diferenciar o psicopata da pessoa que é descrita como “maquiavélica”, um termo que, embora não seja reconhecido como uma síndrome, foi identificado pelos psicólogos da personalidade, que descreveram a existência de uma “personalidade maquiavélica”. Por fim, os termos “psicopata” e “sociopata” são muitas vezes usados de forma intercambiável. Então, perguntamos: um psicopata é o mesmo que um narcisista patológico, uma personalidade maquiavélica ou um sociopata?

Em primeiro lugar, como um psicopata se diferencia de um narcisista patológico? Embora ele também seja um indivíduo que dispõe de pouca empatia e que recorre à manipulação, tem como característica distintiva o fato de acreditar fervorosamente nas próprias mentiras, o que não acontece com o psicopata, que é mais consciente de suas mentiras e falsidades. Além disso, o narcisista patológico é consumido por uma necessidade permanente de ser lisonjeado pela obediência e deferência dos

outros, uma necessidade que, no psicopata, é geralmente muito menor. Por outro lado, o narcisista tende a demonstrar uma confiança irracional em suas iniciativas, algo que o psicopata controla melhor; de fato, o psicopata é mais capaz de ouvir conselhos que sejam favoráveis a seus planos, o que é muito mais difícil para o narcisista. Por fim, como o psicopata é a soma das quatro facetas, ele não precisa apresentar, em sua intensidade máxima, todos os sintomas que as compõem, por isso podemos encontrar psicopatas com uma intensidade moderada de narcisismo (no aspecto “grande sentido de si”), o que os diferencia claramente, nesses casos, dos narcisistas patológicos.

A personalidade maquiavélica (inspirada na obra *O príncipe*, de Maquiavel) também está representada na *faceta 1 interpessoal* da psicopatia pelas características de manipulador/mentiroso, mas uma pessoa maquiavélica é definida precisamente por tornar o engano uma forma de arte mais refinada e, embora a empatia e o sentimento de culpa também não sejam notáveis, ela tem suas próprias peculiaridades. Em primeiro lugar, os maquiavélicos projetam, com tempo e cuidado, seus esquemas de dissimulação, cuidam bastante de cada detalhe e permanecem muito focados em seguir o plano traçado. Além disso, eles são capazes de permanecer em estado “adormecido” por um longo tempo antes de executá-lo. Por outro lado, o psicopata, devido à sua maior impaciência, tende a apresentar comportamentos mais óbvios de manipulação agressiva e de assumir riscos que, sem dúvida, chamarão a atenção. Por exemplo, se ocupa um cargo de gerência em uma empresa, ele pode levar a uma remodelação que beneficie seus interesses, mesmo com o risco de levantar suspeitas. A personalidade maquiavélica costuma ter mais controle do que o psicopata, que é mais propenso a agir por impulso (*faceta 3 estilo de vida irresponsável*), caso deseje muito alguma coisa ou queira se vingar de uma ofensa recebida. Por fim, o psicopata tem um potencial antissocial maior (*faceta 4*

conduta antissocial): está mais preparado para agir com rapidez e agilidade com seus inimigos por meio de atos de abuso e intimidação, resultando em ambientes opressivos dominados pela angústia, o que se aplica tanto ao ambiente laboral quanto ao familiar.

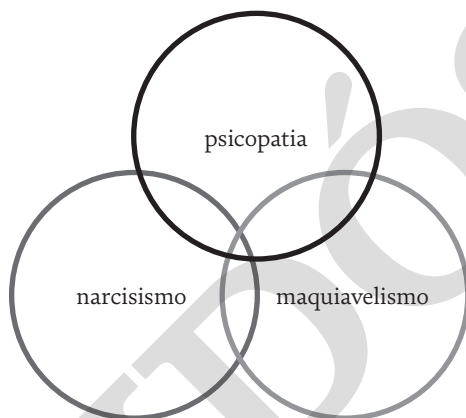
Em resumo, o psicopata tem um potencial para o abuso e a violência – seja ela implícita (psicológica), seja ela expressa (física) – superior ao do narcisista e do maquiavélico. Ao contrário do primeiro, ele não precisa de tanta adoração por sua pessoa, nem acredita em suas próprias mentiras. Diferentemente do segundo, ele tem menos paciência com os assuntos e obstáculos que pode encontrar na realização de seus objetivos.

A psicopatia, o narcisismo e a personalidade maquiavélica são frequentemente estudados como diferentes expressões da chamada “personalidade sombria”. Na figura adiante, vemos que essa tríade compartilha uma área em comum, o que significa que certas características são compartilhadas pelas três personalidades, e também, de forma recíproca, certos aspectos de forma bilateral. É importante observar que o psicopata em seu pleno “esplendor”, em sua variedade de maior autocontrole (que veremos no próximo capítulo), também será narcisista e maquiavélico.

E quanto aos termos “psicopata” e “sociopata”? Muitas vezes são empregados como sinônimos, o que não é um problema grave para mim, mas gostaria de fazer uma distinção importante se quisermos ser rigorosos: o psicopata, ao contrário do sociopata, tem uma base genética significativa por trás de sua personalidade (em torno de 50%, de acordo com estudos de hereditariedade da psicopatia), o que significa que ele é menos dependente do ambiente para desenvolver essa condição. É claro que o ambiente continua sendo um tanto crítico, pois sabemos que um contexto de criação *antagônico* às características da psicopatia (por exemplo, em que a empatia, a inteligência e o esforço pessoal

são incentivados no relacionamento amoroso com os pais) pode minimizar muito sua linguagem antissocial, ou seja, o “passo à ação” do *comportamento potencial* do traço à conduta.

Resumindo: na relação entre psicopatia, narcisismo e maquiavelismo, todos os três compartilham aspectos em comum. Não são categorias excludentes: o psicopata também pode ser narcisista e maquiavélico.



Por outro lado, eu, assim como outros autores, utilizo o termo “sociopatia” para me referir a pessoas capazes de agir como psicopatas cruéis em determinadas esferas de suas vidas e, ao mesmo tempo, de manter laços afetivos reais com outras pessoas. O fator determinante de sua violência é a subcultura ou o ambiente que o instruiu. Por exemplo, um matador de aluguel que cresceu e aprendeu a integrar o código da máfia desde a infância pode matar sem pestanejar porque ele obedece ao grupo em que forjou sua identidade, mas isso não o impede de amar sinceramente sua família. E o mesmo pode ser dito dos chefes da máfia: se você se lembrar dos personagens de Tony Soprano (na série *Família Soprano*) e dos Corleones (nos filmes da saga *O Poderoso Chefão*), entenderá muito bem o que estou lhe dizendo: amam suas famílias, mas matam ou mandam matar sem

piedade (o personagem interpretado por Paul Newman, em *Estrada para Perdição*, também é um bom exemplo). Um psicopata não ama ninguém (falaremos mais sobre esse ponto no capítulo dedicado à família). A explicação é que o sociopata seria um indivíduo convencional se *tivesse* nascido em um ambiente tradicional, o que explica que ele possa ter mais ansiedade e problemas de consciência em seu comportamento criminoso do que o psicopata. (O sociopata também é às vezes chamado, em trabalhos acadêmicos, “psicopata secundário”, distinguindo-o dos “psicopatas primários”, os quais, por assim dizer, seriam os “autênticos” psicopatas devido à sua predisposição genética, e é sobre eles o tema deste livro.)

AS MULHERES PSICOPATAS

As mulheres não costumam ser violentas, mas, obviamente, podem ser. O mesmo acontece com a psicopatia: como vimos anteriormente, há mais homens do que mulheres com essa condição, mas as pesquisas deixam claro que existem mulheres psicopatas. E elas estão por toda parte: temos assassinas em série famosas, empresárias fraudulentas, políticas, mas também muitas outras que não chegam a ser notícia porque suas manobras ocorrem na esfera privada.

No entanto, podemos dizer que, em termos gerais, a psicopatia se manifesta nas mulheres de forma diferente do que nos homens, embora as pesquisas sobre elas ainda sejam escassas. O que sabemos até agora é que a mulher psicopata, comparada com o homem, é menos narcisista e fisicamente violenta, além de gostar menos de correr riscos imprudentes. Ela parece preferir se utilizar de uma agressão mais emocional, espalhando calúnias ou boatos que desacreditem sua vítima e a isolem de sua rede de apoio. Por outro lado, ela faz um uso mais amplo

da “máscara social” e da sedução do que o homem para alcançar seus objetivos, pois, em geral, não costuma precisar tanto projetar uma imagem externa de domínio e poder quanto o homem. Às vezes, ela também é descrita como sendo mais capaz de ter mais ansiedade e empatia do que ele. Dito isso, certamente há muitos exemplos em que a mulher é muito parecida ao homem psicopata, mas ainda não temos pesquisas suficientes para chegar a conclusões mais precisas.⁸

O caso a seguir, de meus arquivos pessoais, retrata uma mulher psicopata que, apesar de empregar com maestria a sedução, também apresentava algumas das características masculinas mais típicas, como o gosto por assumir riscos e por viver de forma irresponsável sem aparente sentimento de culpa ou ansiedade por seus atos.

Isabel me procurou “porque meu marido [Roberto] me obrigou”; em suas próprias palavras. Na verdade, eu já tinha visto seu marido; ele me contara sobre sua preocupação com a personalidade da esposa. Ele a conhecera havia três anos em uma festa de réveillon. Ela tinha 24 anos, oito a menos que Roberto, e trabalhava em uma loja de departamentos; morava com a mãe e o irmão de 12 anos. Com o salário dela e a pensão da mãe (seu pai havia morrido), eles se viravam. Meu cliente me contou que se apaixonou perdidamente por ela e, alguns meses depois, ele a pediu em casamento. Sem que Roberto lhe pedisse, Isabel deixou o emprego, o que ele não achou ruim, mas, quando lhe perguntou se ela queria voltar a estudar e procurar um emprego melhor, ela disse que não, que seria “uma dona de casa feliz”. Outro aspecto do comportamento da esposa que, depois de um tempo, veio à cabeça de Roberto – e que na época ele achou estranho – foi que, em nenhum momento, Isabel lhe disse algo sobre a situação em que ficariam sua mãe e seu irmão. Roberto conversou com a sogra e combinou que lhe pagaria uma pensão complementar, já que ele era um homem bem de vida.